

**A RECONSTRUÇÃO DA
REALIDADE NO
TELEJORNALISMO:
uma análise da
coprodução via
*WhatsApp***

THE RECONSTRUCTION OF
REALITY IN TELEJOURNALISM: an
analysis of coproduction through
WhatsApp

LA RECONSTRUCCIÓN DE LA
REALIDAD EN EL PERIODISMO NA
TV: un análisis de la coproducción
a través de *WhatsApp*

Fabiana Cardoso de Siqueira^{1, 2}

RESUMO

O presente artigo analisa as mudanças provocadas no telejornalismo pela participação dos coprodutores (VIZEU; SIQUEIRA, 2009), especialmente, através do envio de imagens pelo aplicativo de celular *WhatsApp*. O objetivo foi compreender de que forma os jornalistas selecionam essas imagens e operam ações de construção da realidade na TV. Foi feita uma análise de conteúdo do *Bom Dia Paraíba*, da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba e foram aplicadas entrevistas abertas semiestruturadas com editores do telejornal. Constatamos que os jornalistas operam ações de reconstrução da

¹Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Complutense de Madri, mestre em Engenharia de Produção (Qualidade e Produtividade) pela Universidade Federal de Santa Maria, graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: fabiana_s@gmail.com.

² Endereço de contato com os autores (por correio): Departamento de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil. 58051-900.

realidade unindo o recorte da realidade feito previamente pelos coprodutores, as próprias experiências e conhecimentos e as práticas jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; coprodutores; reconstrução da realidade.

ABSTRACT

This article analyzes the changes caused in TV journalism through the participation of co-producers (VIZEU; SIQUEIRA, 2009), especially by the images that arrive through the *WhatsApp* mobile application. The objective was to understand how journalists select these images and operate actions to do the construction of the reality on TV. For this, was made a content analysis of *Bom Dia Paraíba*, from TV Cabo Branco, an affiliate of Rede Globo, in João Pessoa, Paraíba, and were applied semi-structured interviews with TV news editors. We find that the journalists operate actions of reconstruction of the reality joining the reality cut previously by the coproducers, their own experiences and knowledge and the journalistic practices.

KEYWORDS: telejournalism; coproduction; reconstruction of reality.

RESUMEN

El presente artículo analiza los cambios provocados en los telediarios por la participación de los coprodutores (VIZEU, SIQUEIRA, 2009), especialmente, a través del envío de imágenes por la aplicación de celular *WhatsApp*. El objetivo fue comprender de qué forma los periodistas seleccionan esas imágenes y operan acciones de construcción de la realidad. Se realizó un análisis de contenido del *Bom Dia Paraíba*, de la TV Cabo Branco, afiliada de la Rede Globo, en João Pessoa, Paraíba, y se aplicaron entrevistas abiertas semiestructuradas con editores del telediario. Constatamos que los periodistas operan acciones de reconstrucción de la realidad uniendo el recorte de la realidad hecho previamente por los coprodutores, las propias experiencias y conocimientos y las prácticas periodísticas.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n.3, maio. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p623>

PALABRAS CLAVE: Periodismo na TV; coprodução; reconstrução de la realidad.

Recebido em: 10.01.2018. Aceito em: 12.03.2018. Publicado em: 29.04.2018.

Introdução

Neste trabalho, em um primeiro momento, procuramos fazer um detalhamento dos aspectos históricos que influenciaram e influenciam o telejornalismo e a aproximação do mesmo com o público. Conforme pondera Mattos (2010, p. 16-17), a história da TV no Brasil sofre a “influência direta e indireta das mudanças do contexto” e por isso “não pode ser analisada como um objeto independente” do ambiente onde está inserida.

O telejornalismo está em constante transformação. Desde que surgiu no Brasil há 67 anos, juntamente, com a criação da televisão, suas rotinas produtivas têm sido influenciadas por uma série de fatores. Primeiro, os jornalistas precisaram criar uma forma própria de transmitir as notícias, pois os profissionais não tinham experiência na área e a maioria era proveniente do rádio. Os textos tinham características radiofônicas, com frases curtas, no formato de manchetes e quase não se via imagens pelas dificuldades tecnológicas de captação (MATTOS, 2010).

As primeiras câmeras utilizadas registravam as cenas por meio de películas cinematográficas, ou seja, era preciso revelar o material para posterior montagem. Foi a partir de 1960, que houve um grande avanço nos telejornais brasileiros, com a chegada do videoteipe (BECKER, 2014). Esse equipamento permitiu a gravação de imagens por meio de fitas, que não necessitavam mais de revelação. Isso também facilitou o processo de edição nas redações.

As rotinas produtivas dos jornalistas voltaram a sofrer mudanças a partir da década de 1990, com o surgimento da internet comercial no Brasil. Na TV, os jornalistas passaram a usar o meio como uma estratégia de aproximação com o público, que, até então, estabelecia contato com as redações através de

ligações telefônicas, cartas, telegramas, mensagens enviadas por aparelhos de Fax.

Ainda nesse período, poucas pessoas tinham acesso a filmadoras com sistema de captação compatível com o das emissoras de televisão e para que as cenas fossem utilizadas era necessário fazer a conversão. O autor das imagens, geralmente, precisava se deslocar até a sede da empresa de comunicação para oferecer as imagens para que depois elas fossem passadas para o formato adequado.

Se com a internet, era possível promover enquetes para o público escolher, por exemplo, que assuntos que gostaria de ver na próxima edição do telejornal ou receber as sugestões por *e-mail*, o envio de imagens em movimento não era fácil. As cenas precisavam estar no formato digital.

Foi a partir dos anos 2000 que isso começou a mudar. As emissoras intensificaram a digitalização dos seus sistemas de captação, edição e exibição. E paralelo a isso, houve a popularização dos *smartphones*, que tornaram os celulares muito mais do que simples aparelhos voltados para a realização e recebimento de ligações telefônicas.

De acordo com Santaella (2006, p. 187),

Conforme os equipamentos de vídeo foram se tornando mais acessíveis a quaisquer pessoas, tanto no seu preço quanto no seu manuseio, foi se expandindo e se tornando mais trivial o seu poder de registro dos acontecimentos. As antigas e nítidas distinções entre produtores e receptores da imagem televisiva começaram a se borrar, pois qualquer pessoa com uma câmera na mão tornou-se potencialmente um produtor (SANTAELLA, 2006, p. 187).

O que chama a atenção é que essa observação foi feita por Santaella (2006), portanto, há 11 anos. Atualmente, essa situação é ainda mais evidente,

justamente, por causa do uso do *smartphone* como um meio de captação e compartilhamento de imagens.

Os aplicativos para celular que fazem o compartilhamento de mensagens e imagens passaram a fazer parte das rotinas produtivas da maioria das emissoras. Na última década, as empresas de comunicação criaram e passaram a divulgar em seus telejornais números telefônicos usados nesses aplicativos para que o público enviasse desde sugestões de reportagens, até fotografias e vídeos.

É importante destacar que as emissoras não começaram a fazer isso por conveniência. Foi uma oportunidade identificada a partir do uso que o próprio público já fazia do meio, compartilhando e trocando mensagens, fotos e vídeos entre si, especialmente, pelo aplicativo *WhatsApp*.

O *WhatsApp* passou a ser um novo meio de aproximação, de maneira direta, entre as redações e o público, permitindo uma troca instantânea de mensagens e imagens. Neste estudo procuramos compreender de que forma os jornalistas selecionam as imagens que chegam por meio desse aplicativo e operam ações de reconstrução de realidade.

Realizamos uma análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2007) do *Bom Dia Paraíba*, telejornal exibido de segunda-feira a sexta-feira das seis horas da manhã às sete horas e trinta minutos da manhã, pela TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba.

A análise de conteúdo foi feita do dia três de julho de 2017 a 14 de julho de 2017 para identificar as notícias que tiveram imagens enviadas pelo *WhatsApp* da TV Cabo Branco, feitas por pessoas que não são cinegrafistas das emissoras de TV, muito menos profissionais de agências de notícia ou

assessorias de imprensa. São cidadãos que atuam como coprodutores da notícia (VIZEU; SIQUEIRA, 2009).

A partir disso procuramos compreender como os jornalistas do *Bom Dia Paraíba* operam ações de reconstrução da realidade a partir do uso dessas imagens. Estabelecemos as seguintes categorias: formato da notícia e contexto em que a cena foi inserida (se foi usada isoladamente na notícia ou foi acompanhada de outros elementos captados pela equipe de reportagem da emissora).

Utilizamos também entrevistas abertas semiestruturadas (MOYA; RAIGADA, 2010) feitas com a editora-chefe do telejornal, Patrícia Rocha e com dois editores (Luis Sousa e Débora Cristina) com a finalidade de esclarecermos detalhes observados durante a análise de conteúdo. Antes de detalharmos os aspectos constatados nesse estudo, é preciso contextualizar alguns aspectos teóricos acerca do tema, entre eles, o entendimento do trabalho jornalístico como um reconstrutor da realidade social.

A construção social da realidade

Nem todos os pesquisadores têm a visão de que a realidade é construída socialmente. Searle (1997, p. 22) cita o exemplo de uma criança para explicar que ela cresce em uma cultura por meio da qual a realidade social é dada. O automóvel é um automóvel, a cédula de dinheiro é uma cédula de dinheiro, ou seja, isso tudo é um processo natural. O referido autor completa essa observação dizendo que “la realidad social, en general, puede entenderse sólo a la luz de ella. Los rasgos relativos al observador son siempre creados por los fenómenos mentales intrínsecos a los usuarios, observadores, etc., de los objetos en cuestión” (SEARLE, 1997, p. 31).

Já Berger e Luckmann (1985, p. 11) têm outra visão a respeito da forma como a realidade é construída. Para os dois autores, trata-se de um fenômeno social, ou seja, “a realidade é construída socialmente” e a sociologia do conhecimento tem a tarefa de analisar de que forma esse fato acontece, ou seja, ocupa-se

com o que os homens “conhecem” como “realidade” em sua vida cotidiana, vida não teórica ou pré-teórica. Em outras palavras, o “conhecimento” do senso comum, e não das “idéias”, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este “conhecimento” que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. [...] A sociologia do conhecimento, portanto, deve tratar da construção social da realidade (BERGER E LUCKMANN, 1985, p. 29-30).

Berger e Luckmann (1985) fazem a análise da vida cotidiana sob o aspecto da fenomenologia. Quem também se apoia na fenomenologia é Schutz (2004) para estudar a construção social da realidade. Para Schutz (2004), a realidade é constituída pelo sentido de nossas experiências, ou seja, está relacionada ao conceito de tipificação, que compreende o contexto biográfico e o acervo de conhecimento que o ser humano possui. E é a partir dessas informações que o homem age tipicamente no dia a dia.

Si el mundo del sentido común es, desde un primer momento, un mundo reinterpretado; si todos los elementos de este mundo tienen sus horizontes de tipicidad, y si las nociones de la situación biográficamente determinada, el acervo de conocimiento a mano y la definición de la situación son guías seguras para interpretar la realidad social, debe existir algún principio subyacente de selección que explique las lecciones, actitudes, decisiones y adhesiones del individuo expresa y realiza. [...] Decido un curso de acción en un sentido y no en otro, a la luz de lo que considero significativo con respecto a mis más profundas convicciones e intereses (SCHUTZ, 2004, p. 27).

Isso representa que a ação é autoconsciente e é justamente isso que diferencia a fantasia da ação, pois há um propósito que está por trás do ato de agir. Schutz (2004, p. 24) também diz que: “La acción nunca está aislada, desvinculada de otra acción, divorciada del mundo. Manifiesta o latente, toda acción tiene sus horizontes de relacionalidad con la realidad social”. E por estar relacionada com a realidade social, não existe apenas uma forma de agir.

Se tomarmos como base a ação dos coprodutores, podemos dizer que é autoconsciente no momento em que eles têm por finalidade registrar determinada informação audiovisual. E é evidente que cada um deles o fez por diferentes propósitos. Alguns captaram as cenas para uso próprio, outros para oferecer a alguma emissora de televisão, há quem também queira colocar na internet ou tenha a intenção de guardar a imagem como prova de algum crime, por resguardo jurídico, etc. O fato de esse registro ter ido parar nas mãos dos jornalistas também implica em uma série de ações de apuração, validação, seleção e transformação em notícia.

Além da ação propriamente dita, há também a não ação. Isso é possível, pois no momento em que se escolhe não realizar determinado ato, está se tomando uma decisão, um caminho, que, de alguma forma, terá implicações na sociedade. É o caso, por exemplo, quando um determinado jornalista opta por não divulgar determinada imagem enviada por algum coprodutor por entender que não é adequada ao perfil do telejornal, abrindo espaço para que a mesma cena possa ser ofertada à concorrência. A ação de não divulgar também é uma forma de ação que traz outras consequências.

Outro conceito importante definido por Schutz em seus trabalhos é o da atitude natural, que pode ser definida como a suspensão da dúvida. Isso quer dizer que, no nosso dia a dia, não nos questionamos a respeito de tudo que está

na nossa volta. Não refletimos sobre todas as situações que surgem na nossa rotina e esse não é um processo autoconsciente, pois não nos damos conta que realizamos a suspensão da dúvida. Simplesmente, não refletimos sobre isso (CORREIA, 2005).

Mas não permanecemos em atitude natural o tempo todo, o que é evidente. É o que descreve Schutz (2004, p. 30):

De la ansiedad fundamental surgen los muchos sistemas interrelacionados de esperanzas y temores, de necesidades y satisfacciones, de oportunidades y riesgos que incitan al hombre de la actitud natural a tratar de dominar el mundo, superar obstáculos, esbozar proyectos y llevarlos a cabo (SCHUTZ, 2004, p. 30).

Embora haja influência na forma de tentar superar obstáculos, elaborar projetos e colocá-los em prática, as nossas decisões não estão embasadas apenas no que pensamos, pois existe um intercâmbio social. Agimos com base nos conhecimentos que herdamos dos nossos antepassados, da nossa história biográfica e também no que pensamos sobre as pessoas que virão após a nossa partida (CORREIA, 2005).

No entanto, conforme Schutz (2004, p. 21), o intercâmbio maior está relacionado com as pessoas contemporâneas a nós, nas relações "face a face". Se levamos a discussão especificamente para o processo de seleção das notícias, podemos dizer que as escolhas são influenciadas, entre outros elementos, pela imagem que os jornalistas têm do público (relação projetada), pelas relações face a face no ambiente da redação e pelas relações virtuais com colegas que trabalham em outras emissoras (contato por telefone, *e-mail* e videoconferência) e também pela visão que possuem do enfrentamento com a concorrência (relação projetada, virtual ou face a face). Em geral, os editores, produtores e editores-chefes estabelecem um contato profissional mais

distante com os concorrentes, ao contrário dos repórteres que travam um contato mais direto (face a face) durante o processo de elaboração da notícia.

No que diz respeito à relação entre os coprodutores e os jornalistas no telejornalismo, as relações face a face ocorrem de maneira esporádica, principalmente, nos casos em que os coprodutores encontram algum repórter na rua e oferecem a imagem ou decidem ir à emissora para comunicar que possuem algum registro. Há casos também em que algum jornalista é designado para encontrar o coprodutor e conseguir a informação audiovisual. Apesar de todos os casos citados, o que acontece com mais frequência é o estabelecimento de uma relação virtual, pois os registros são enviados por *e-mail* ou postados na internet, repassados por aplicativos de celular ou chegam pelo sistema das agências de notícias.

Berger e Luckmann (1985, p. 39) consideram que as relações face a face estão ligadas a realidade da vida diária, isso quer dizer que “a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do ‘aqui’ de meu corpo e do ‘agora’ do meu presente. Este ‘aqui e agora’ é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana”. No entanto, os mesmos autores afirmam que a realidade não se esgota no “aqui e agora”, pois a vida cotidiana é experimentada

em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que se acha ao meu alcance, o mundo em que atuo a fim de modificar a realidade dele, ou o mundo em que trabalho. [...] Sei, evidentemente, que a realidade da vida cotidiana contém zonas que não me são acessíveis desta maneira. Mas, ou não tenho interesse pragmático nessas zonas ou meu interesse nelas é indireto, na medida em que podem ser potencialmente zonas manipuláveis por mim. Tipicamente meu interesse nas zonas distantes é menos intenso e certamente menos urgente (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 39).

Acreditamos que as pessoas registram, com mais frequência, na atualidade, a realidade da vida cotidiana por meio de *smartphones* não apenas por uma questão de acesso fácil à tecnologia, mas também em uma tentativa de aproximar o mundo que está ao alcance delas, do que está visível para elas e para os outros na internet e na televisão.

É dentro desse ponto de vista que Sábada (2007, p. 40) diz que o sujeito assume o papel de agente, pois não é apenas um espectador, conforme relata a seguir:

El sujeto es creador de la realidad social, no mero espectador o transmisor, sino que crea con cada una de sus interpretaciones el mundo social. La realidad social se apoya en la intersubjetividad, de modo que las interpretaciones de cada persona configuran nuevos significados con los que el resto de las personas se manejan también en el mundo, en una interacción continua. Los nuevos significados al llegar a su reificación o cosificación, son 'reutilizados' por otros en la creación de un contexto coherente, que configura, en palabras de Peter Berger y Thomas Luckmann, 'la vida cotidiana' (SÁBADA, 2007, p. 40).

A internet, o rádio, a televisão, o jornal e a revista estão cada vez mais convergentes e inseridos no cotidiano das pessoas, por meio da portabilidade, em *smartphones*, que podem ser levados e acessados em qualquer lugar. Além disso, os cidadãos também estão compartilhando o que visualizam com mais rapidez, repassando informações visuais e audiovisuais para outras pessoas por meio do celular, da televisão e da internet. São laços que superam, em diversos momentos, os estabelecidos no contato direto.

Outra constatação feita por Correia (2005, p. 125) diz respeito à realidade construída pelos meios de comunicação, que embora supere "o mundo ao meu alcance imediato, trata das experiências dos nossos contemporâneos". Isso quer dizer que o mundo ao meu alcance imediato não precisa estar ligado

diretamente às relações físicas de proximidade, pois posso ter acesso a uma informação e agir imediatamente a partir dela, mesmo se o objeto ou a pessoa com o qual estou interagindo não esteja no mesmo país ou continente que eu.

Outro aspecto descrito por Correia (2005, p. 127-128) é que:

O que os media fazem é alterar ou consolidar sistemas de relevância, ou seja, dar conhecimento público do que se entende ser importante discutir. Nesta abordagem teórica, a relação dos actores com o horizonte social é organizada em termos de 'zonas de relevância', um termo que diz respeito à maior ou menor proximidade face ao aqui e agora da esfera imediata de actividade dos indivíduos. Com efeito, é o nosso interesse mais imediato que motiva todo o nosso pensar, projectar e agir e que, portanto, estabelece os problemas a serem seleccionados pelo nosso pensamento e os objectivos a serem atingidos pelas nossas ações (CORREIA, 2005, p. 127-128).

Os sistemas de relevância seriam definidos no ambiente das redações jornalísticas e estariam atrelados às rotinas produtivas. O jornalista é visto como um especialista no tratamento das informações, ou seja, "um observador de agentes que protagonizam determinados acontecimentos no mundo da vida" (CORREIA, 2005, p. 136) e "a realidade passa a ser uma construção, um produto de uma actividade especializada, dependendo, em grande parte, das práticas produtivas das profissões ligadas às produções mediáticas, designadamente a profissão jornalística" (CORREIA, 2005, p. 132).

Vilches (1996, p. 133) define o produto do trabalho do jornalista, ou seja, a notícia, como um recorte de informação cuja seleção é feita com base na organização das rotinas produtivas. É um processo que sofre influencia, principalmente, do meio jornalístico e da própria audiência.

Berger e Luckmann (2004, p. 68) detalham que os meios de comunicação de massa, entre eles, a televisão, são instituições que possuem "um papel-chave na orientação moderna de sentido ou, melhor, na comunicação de sentido". São

instituições que servem como referência e orientam o homem moderno, que está imerso numa crise de sentido. São, portanto,

intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 68).

Ainda hoje, mesmo frente à concorrência com a internet e com os aplicativos para celular, a TV possui um espaço importante no auxílio da interpretação da realidade social e é um ambiente onde a imagem tem uma grande relevância e impacto.

Sontag (2004, p. 180-193) observa que “possuir o mundo na forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a realidade e o caráter distante do real”. Um real que não está próximo fisicamente, mas na forma de imagem. Nesse sentido, a autora afirma que

as câmeras implementam a visão instrumental da realidade por reunir informações que nos habilitam a reagir de modo mais acurado e muito mais rápido a tudo o que estiver acontecendo. A reação, é claro, pode ser repressiva ou benevolente: fotos de reconhecimento militar ajudam a aniquilar vidas, radiografias ajudam a salvá-las (SONTAG, 2004, p. 180-193).

Essa realidade pode ser definida pelas câmeras de duas formas que são “essenciais para o funcionamento de uma sociedade industrial avançada: como um espetáculo (para as massas) e como um objeto de vigilância (para os governantes)” (SONTAG, 2004, p. 195).

Como espetáculo, pode ser disponibilizada na forma de entretenimento (no cinema, por exemplo) ou, mesmo, como elemento integrante das notícias

jornalísticas, captadas pelas lentes das emissoras, assessorias de imprensa, agências de notícia, coprodutores.

Como objeto de vigilância, pode ser realizada pela imprensa, por cidadãos ou por meio de câmeras instaladas nas ruas, nas empresas e nos locais públicos. Essas seriam apenas algumas das possibilidades.

Tendo em vista todos os conceitos apresentados até aqui (levando em consideração o uso de imagens, o papel dos meios de comunicação na forma como as pessoas compreendem o mundo onde vivem e a descrição do embasamento teórico sobre a realidade social), percebemos que a maioria dos autores relatados neste trabalho possui o entendimento de que a realidade não vem pronta ou é tida como natural.

A sua apreensão ocorre por meio de um processo de construção que ocorre no meio social, que está em constante mudança e essas transformações também atingem o jornalismo. Entre essas mudanças mais recentes está o uso frequente de imagens feitas por coprodutores nos telejornais, enviadas por aplicativos de celular (especialmente o *WhatsApp*). Esse é o assunto que abordaremos a seguir, por meio da análise do *Bom Dia Paraíba*.

A análise do *Bom Dia Paraíba*

O *Bom Dia Paraíba* é exibido pela TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba, e vai ao ar a partir das seis horas da manhã, de segunda-feira a sexta-feira. O telejornal possui em torno de uma hora e vinte e dois minutos de produção diária e é de abrangência estadual.

O programa possui duas equipes de produção divididas em duas cidades distintas. A principal fica centrada na TV Cabo Branco, em João Pessoa, e a outra

na TV Paraíba, em Campina Grande, no interior do estado. As duas emissoras pertencem ao mesmo grupo de comunicação (Rede Paraíba de Comunicação).

Na TV Cabo Branco, fica a editora-chefe e apresentadora, Patrícia Rocha, uma editora adjunta e três editores de texto. Há ainda duas produtoras e um editor de esportes, que faz a apresentação de assuntos ligados a essa editoria no telejornal. Na TV Paraíba, há uma estrutura de apoio composta por dois editores e dois produtores, que dão suporte na apuração e edição de notícias que acontecem na área de cobertura dessa emissora.

O telejornal aborda assuntos diversos e tem como característica a prestação de serviço, conforme destacou a editora-chefe e apresentadora do programa, Patrícia Rocha, em entrevista aberta semiestruturada:

É primeiramente serviço. Seja utilidade pública mesmo ou a notícia de saúde. Trazer um médico para o estúdio para atender pessoas que nunca vão ter acesso a um médico daquela especialidade na vida. É muito comum a gente abrir um tema e as pessoas começarem a falar da vida particular, porque elas não vão ter oportunidade em outro momento. O *Bom Dia* supre um pouco isso. O *Bom Dia* acho que ele também tem, por causa do tempo, a possibilidade de se aprofundar em alguns assuntos que talvez não sejam notícia em outros jornais, mas que rendem tanta conversa. Acho que o *Bom Dia*, ele tem que ser conversa. Ele tem que ser um jornal leve, que a gente tem tempo "pra" falar, "pra" fazer um aprofundamento em alguma coisa (informação verbal³).

O programa jornalístico trata de assuntos factuais (notícias do dia), assuntos de economia, saúde, política, esporte, etc. Foi escolhido por ter um perfil que se assemelha a muitos programas jornalísticos regionais exibidos no período da manhã e por utilizar com frequência imagens feitas por coprodutores na elaboração das notícias.

³ Entrevista concedida por Patrícia Rocha. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

Em entrevista aberta semiestruturada, o editor de texto, Luis Sousa, revelou que o *WhatsApp* é uma das principais ferramentas, hoje, de interação com o público. Não é uma relação face a face, mas, sim, virtual e que nem por isso deixa de ser importante.

Não lembro exatamente quando. Foi nesse período aí, 2015, que colocaram o *WhatsApp* da TV. E aí depois disso o principal canal se tornou o *WhatsApp*. Ligação, a gente recebe muita ligação na produção. Os números eles são sempre divulgados. Os mesmos números em todos os telejornais. A gente recebe muita ligação, mas depois que foi criado o *WhatsApp*, a gente recebe muita coisa e encontra muito personagem pelo *WhatsApp* [...]. Chegam também muitas imagens também. Muitos vídeos, muitos flagrantes (informação verbal⁴).

Não são apenas imagens que chegam pelo aplicativo, há também muitos assuntos que são sugeridos por mensagens e que acabam sendo transformados em reportagens, conforme destacou a editora adjunta do programa, Débora Cristina:

A gente recebe muitas sugestão pelo *WhatsApp*, que geralmente a gente divulga e sempre que a gente divulga passa uma semana filtrando isso e pegando as sugestões de pauta. [...] Quando a gente pede o retorno é imediato e o retorno é muito bom. Muitas vezes quando a gente "bota" uma matéria que é sobre ônibus lotados: "Ah, vem ver aqui no meu bairro, que é muito pior que esse que vocês mostraram". A gente já fez isso de mostrar num dia e a gente recebeu tanta sugestão que no outro dia a gente voltou ao assunto e foi em alguns dos lugares que as pessoas sugeriram (informação verbal⁵).

Durante a análise do *Bom Dia Paraíba*, selecionamos apenas as notícias que continham imagens que chegaram, exclusivamente, por meio do *WhatsApp*. Foram descartadas as cenas provenientes de coprodutores, que não

⁴ Entrevista concedida por Luis Sousa. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

⁵ Entrevista concedida por Débora Cristina. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

tiveram a origem de envio informada no texto pelo repórter ou apresentador, nem por meio de créditos (informação textual exibida na tela) ou relatada nas entrevistas abertas semiestruturadas.

No período analisado, identificamos três notícias com essas características. A primeira foi no dia seis de julho de 2017. Foi sobre um protesto que interditou a BR-230. O formato escolhido foi uma nota ao vivo com imagens, onde o texto é lido ao vivo pelo apresentador enquanto são inseridas imagens (ao vivo ou gravadas) sobre ele (SIQUEIRA, 2012). No texto lido ao vivo, a apresentadora e editora-chefe do programa, Patrícia Rocha, informou aos telespectadores a origem das cenas que seriam exibidas: “recebemos umas fotos e um vídeo no nosso WhatsApp”. Foram mostradas fotos feitas em três ângulos diferentes do protesto e um vídeo com o congestionamento causado pela interdição.

Logo depois, a notícia foi complementada com uma sonora (entrevista gravada) com assessor de comunicação da Polícia Rodoviária Federal na Paraíba, Eder Rommel. As mesmas fotos e o mesmo vídeo foram mostrados novamente, desta vez, enquanto o inspetor descrevia o que havia ocorrido e explicava os motivos do protesto.

A segunda notícia exibida no período analisado contendo imagens provenientes do WhatsApp foi ao ar no dia doze de julho de 2017. O formato escolhido foi uma nota ao vivo com imagens. Neste caso, as cenas gravadas mostravam um carro pegando fogo (imagem de coprodutor), o trabalho dos bombeiros e o local onde o fato ocorreu (imagens do cinegrafista da emissora). O incêndio ocorreu em uma das principais avenidas de João Pessoa. A identificação da proveniência das cenas enviadas pelo *WhatsApp* foi informada nos créditos.

Um cinegrafista da emissora também foi deslocado para fazer imagens do fato, mas quando chegou o fogo já havia sido controlado. A principal cena da notícia, do momento do incêndio, veio pelo aplicativo de celular, conforme relatou o editor de texto, Luis Sousa: “A imagem do carro, pelo momento que o carro pega fogo, a gente recebeu pelo *WhatsApp*. Então, a melhor imagem da história a gente recebeu pelo *WhatsApp*” (informação verbal⁶).

A notícia do carro que pegou fogo em uma avenida movimentada da cidade poderia ser exibida mesmo sem essa cena, mas perderia a força, o impacto. Ter a imagem do fato, no instante em que ele ocorre, é um diferencial essencial para o meio televisivo. Essa é uma das principais características da televisão, a questão visual das notícias dentro do processo de reconstrução da realidade.

Outra imagem de coprodutor que ganhou destaque no período justamente por ter essas características foi exibida no dia treze de julho de 2017 em uma reportagem. Esse é um formato que permite um aprofundamento maior da informação, contendo a presença do repórter no local do fato, apurando as informações, entrevistando pessoas, descrevendo e detalhando o que ocorreu ou está ocorrendo.

A reportagem em questão teve ao todo três minutos e quarenta e oito segundos e era sobre um carro que havia derrubado em um poste de energia elétrica e por conta disso tinha deixado parte de João Pessoa com problemas no fornecimento de luz.

A imagem feita pelo coprodutor não foi identificada no texto, tampouco a procedência de envio da mesma. Durante a entrevista aberta semiestrutura

⁶ Entrevista concedida por Luis Sousa. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

com os editores é que ficamos sabendo que a cena que mostrava o poste caído por cima do carro foi recebida pelo *WhatsApp*.

Quando a equipe de reportagem chegou ao local a situação já estava diferente. O veículo não estava mais no local. Por meio dessa imagem feita por um coprodutor é que foi possível contar uma história mais completa. É o que conta o editor de texto Luis Sousa: “A equipe *tava* na rua e conseguiu chegar alguns minutos depois, mas a imagem do momento a gente conseguiu pelo *WhatsApp* [...]. Nesse caso a gente avisou a repórter [...] e ela chamou esse material no VT” (informação verbal⁷).

O processo de reconstrução da realidade do fato a ser noticiado foi desenvolvido unindo essa cena do coprodutor, com entrevistas dos moradores da região, informações relatadas pelo repórter e outras imagens feitas pelo cinegrafista da emissora.

Pode parecer pouco, em um primeiro momento, dizer que durante o período de duas semanas apenas três registros foram identificados contendo conteúdo proveniente do *WhatsApp*, mas na realidade não é.

Os editores do telejornal informaram em entrevista aberta semiestruturada que, diariamente, há muitas imagens (fotos e vídeos) que chegam pelo aplicativo de celular, entretanto, a grande maioria é descartada por não ser considerada com conteúdo passível de ser transformado em notícia. E algumas que passam dessa etapa e vão para o processo de apuração, acabam não indo ao ar, justamente, por dificuldades na confirmação das informações ou por estarem fora de contexto. A não ação de evitar a divulgação, nesses casos, é

⁷ Entrevista concedida por Luis Sousa. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

uma forma de ação que traz consequências. Implica em reconstruir a realidade a partir de outros elementos e não desses, que foram descartados.

Se antes as informações distorcidas chegavam por meio de ligações telefônicas, cartas, mensagens de Fax, na atualidade, elas vem de diversas formas e, muitas vezes, no formato de imagens. É preciso verificar a procedência delas, quem as registrou, onde, com que intenção, quando etc. Há muitos detalhes envolvidos. O registro de uma enchente em determinada cidade, pode ter sido feita no local informado, mas não agora e sim, há um mês, dois anos, quatro anos atrás. A divulgação equivocada pode trazer sérias implicações.

Na redação da TV Cabo Branco, o trabalho de seleção das mensagens que chegam via *WhatsApp* não é feita pelos profissionais responsáveis pela edição, mas pelos produtores da emissora, conforme relataram os jornalistas entrevistados neste estudo. São os produtores que verificam diariamente, nos computadores da produção, o que é enviado. Foi o que destacou a editora adjunta do telejornal, Débora Cristina:

Geralmente os produtores chegam às cinco horas da manhã e aí quando eles chegam, eles olham e ó: "Chegou mensagem que teve explosão de banco em Caiçara". Aí eles ligam para o batalhão da polícia [...] e a gente consegue checar. Mas sempre checando (informação verbal⁸).

É possível observar que o material que chega por meio desse aplicativo de celular recebe o mesmo tratamento de qualquer outra informação que vem por outros caminhos, como: ligações telefônicas, *e-mail*, etc. Há um processo de apuração e verificação para confirmar se o fato relatado realmente ocorreu ou

⁸ Entrevista concedida por Débora Cristina. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

não. Conforme destacou a editora adjunta, no programa “já teve coisa aqui que a gente recebeu e a gente não usou. A gente não conseguiu checar e não vai para o ar não, se a gente não tiver realmente a certeza” (*informação verbal*⁹).

Houve, inclusive, um relato de um fato inusitado que chegou à redação por meio do *WhatsApp* durante o período de análise do *Bom Dia Paraíba*. Uma profissional da equipe recebeu o trabalho de verificar se a imagem enviada era a cena de um crocodilo que teria aparecido na praia do Bessa, em João Pessoa. Na imagem era possível ver o animal em uma praia, entretanto, não era possível ter certeza do local.

O rigor na apuração evitou que o telejornal colocasse no ar uma cena, que tinha ocorrido em um local muito distante, conforme afirmou o editor de texto, Luis Sousa, em entrevista aberta semiestruturada:

Chegaram umas duzentas mensagens no nosso *WhatsApp* e foi na Austrália. Então, aí eu acho que entra a questão do jornalismo de checar a informação, de ir atrás, de ir atrás de respostas, né. A gente não vai colocar tudo o que chega, né, então a gente vai precisar ter aquele olho, olhar jornalístico para o que vale [...]. Chegou vídeo do crocodilo. [...] Foram tantas mensagens que a gente separou uma produtora para ir checar: Procure isso? Onde foi isso? Foi na Austrália, mas aí o mesmo crocodilo tinha aparecido no Rio de Janeiro, no Pará, então... Notícias falsas relacionadas a outros lugares com a mesma imagem (*informação verbal*¹⁰).

Se os jornalistas não tivessem esse cuidado, certamente depois teriam de fazer uma correção no telejornal e isso implicaria na perda de algo fundamental para o trabalho jornalístico: a credibilidade. É algo que se leva anos para

⁹ Entrevista concedida por Débora Cristina. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

¹⁰ Entrevista concedida por Luis Sousa. [julho 2017]. Entrevistador: Fabiana Cardoso de Siqueira. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .m4a (30 min.).

conquistar, mas que pode ser perdido com um registro curto como esse, de alguns segundos, por conta de uma informação mal apurada.

Considerações finais

Este estudo faz parte de uma série de pesquisas nós temos realizado ao longo dos últimos oito anos com o foco na produção dos coprodutores dentro do telejornalismo brasileiro.

Durante o desenvolvimento desses trabalhos, já foram abordados diversos aspectos. É a primeira vez, no entanto, que procuramos analisar o uso dessas imagens enviadas, exclusivamente pelo *WhatsApp*, dentro do *Bom Dia Paraíba* e com a finalidade de verificar como é feito o trabalho de reconstrução da realidade pelos jornalistas.

Constatamos que o que os coprodutores fazem ao registrar uma cena é um recorte da realidade. É algo que eles captam em um determinado momento, de um determinado ângulo, sem uma contextualizado jornalística.

Quando os jornalistas optam por utilizar ou não usar essas imagens, eles fazem escolhas em cima de algo que já foi previamente selecionado e enviado para eles. Realizam uma seleção de segunda ordem.

A reconstrução da realidade elaborada pelos jornalistas, neste caso, envolve várias camadas de informações textuais e visuais. É uma reconstrução, pois eles estão reestruturando e recontando informações que já ocorreram ou estão em desenvolvimento, com um olhar específico. Fazem ainda uso dos conhecimentos já adquiridos, da suas próprias histórias, experiências.

Além disso, no caso dos repórteres, por exemplo, eles não recontam apenas aquilo que viraram e apuraram no local do fato ou do que já receberam verificado pelos produtores dos telejornais. Quando usam material proveniente

de coprodutores nas notícias, eles recontam a realidade a partir do olhar de alguém externo à equipe, que presenciou algo que já não pode ser apreendido pelas lentes dos cinegrafistas da emissora. Foi o que aconteceu com a notícia do carro que atingiu um poste de energia elétrica. Esse elemento se tornou destaque na reportagem, porém não entrou isoladamente. A reconstrução da realidade ocorreu por meio da união dessa cena com informações, entrevistas e imagens que a equipe de reportagem captou no local.

Nos caso específico do carro que pegou fogo, a reconstrução da realidade foi elaborada pelos editores do telejornal, que uniram as informações apuradas pela produção e pelo cinegrafista da emissora (que foi até o local), com as cenas feitas por um coprodutor e enviadas pelo *WhatsApp*.

A notícia do protesto da BR-230 também foi elaborada pelos editores, que uniram as fotos e o vídeo dos coprodutores no formato de uma nota ao vivo com imagens, que veio acompanhada de uma sonora, gravada pela equipe de jornalismo da TV Cabo Branco.

Tanto para repórteres como para editores, a reconstrução da realidade acontece em um ambiente que envolve pessoas contemporâneas a eles, em uma relação que cada vez mais virtual estabelecida por meio de um aplicativo de celular, que serve de ponte entre os coprodutores e os jornalistas das emissoras de TV. É um real que está distante fisicamente, porém presente visualmente, por meio de imagens, permitindo a quem assiste ao telejornal ter uma informação mais completa do assunto noticiado.

As relações face a face também permanecem presentes dentro do processo produtivo jornalístico e são visíveis nos demais elementos reunidos para reconstruir a realidade na TV. Podem ser observadas nas sonoras

(entrevistas) feitas pelas equipes nas ruas, nas demais imagens captadas e nas informações apuradas nos locais onde os fatos ocorreram.

Como já foi relatado anteriormente, o jornalismo na televisão está em constante transformação. Já passou por diferentes fases e outras ainda deverão vir. Este estudo traz como contribuição um olhar específico sobre uma situação que os jornalistas têm enfrentado na atualidade. É algo que precisa ser acompanhado de perto e abre espaço para que outros trabalhos sejam feitos, para que se possa observar como ocorrem os processos de reconstrução da realidade, especialmente, a partir de outros telejornais.

Referências

BECKER, B. Uma historiografia das narrativas jornalísticas audiovisuais: diálogos possíveis entre mídia e educação. **Tríade - Comunicação, Cultura e Mídia**, Uniso, Sorocaba, nº 4, 2014.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

HERSCOVITZ, Heloíza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOYA, J. A. G.; RAIGADA, J. L. P. **Técnica de investigación en comunicación social**: elaboración y registro de datos. Madri: Editorial Síntesis, 2010.

SÁBADA, Teresa. **Framing**: el encuadre de las noticias: el binômio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. In: ARAÚJO, Denize Correa (ed.). **Imagem (Ir) realidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Madrid, Amorrortu, 2004.

SEARLE, John. **La construcción de la realidad social**. Barcelona: Paidós, 1997.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILCHES, Lorenzo. **La televisión. Los efectos del bien y del mal**. Barcelona: Paidós, 1996.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sbpjor, 2009.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n.3, maio. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p623>

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.